

Carta ao Sr.

Há homens a quem se não pôde nem deve responder; outros a quem se deve fazê-lo. O sr. dr. Casais Monteiro pertence a esta última categoria e por isso venho responder ao seu artigo.

A questão é simples. Envio a V. Ex.^a um pacote de jornais, com artigos de vários géneros, desde o suelto ao artigo espalhafatoso, em 3 ou 4 colunas, de capa rica. Contêm êles sistematicamente insultos, injúrias, calúnias, chalaças, e coisas analogas, à mistura com uma argumentação sofisticada e mística de uma banalidade miserável. Chamam-me ali «inimigo perigoso da pátria», «judeu», «mentecapto», e outras coisas; e, o que é peor, com frequência me atacam pelo que eu jamais disse, ou por ideias que pertencem a outros. O alarido e a miséria da campanha chegou em certos momentos a tal ponto, que contra ela protestaram alguns jornais, como o «Diário da Noite», a «Montanha» e o «Trabalho». A coisa chegou com efeito aos extremos de alguém publicar um artigo intitulado «Um malfeitor», artigo provocado por um outro meu sobre a Relatividade. Ninguém compreende como tal assunto possa dar margem a insultos desta ordem; mas o facto deu-se, como V. Ex.^a pôde verificar consultando os jornais que envio.

Numa dado momento a campanha generalizou-se, e ergueram-se contra mim, em côro, poetas, videntes, iluminados, espiritas e outros ainda; apareceram mesmo descomposturas em verso (no «Trabalho»). Publiquei a este respeito um artigo muito sereno intitulado «Um mal-entendido»; de nada serviu, tendo continuado a campanha. Ao mesmo tempo estropeava-se e deformava-se tudo o que eu dizia ou escrevia, a pontos de, tendo-me referido um dia à «planificação da ciência», termo que não inventei, fui metido a ridículo num artigo de 4 colunas, por «querer fazer da ciência uma bola de futebol», isto por que o articulista se esqueceu que *plano* além do sentido geometrico significa também projecto. Recentemente, a propósito da Caracterologia, um plumitivo do Porto, cái sobre mim num jornal acusando-me de chamar «parvos» e «estupidos» ás pessoas classificadas como ciclotimicos, e outros disparates analogos.

A' campanha juntou-se pois a mais espantosa confusão.

Mas não é só isto. A' calunia e ao insulto público, juntam-se as cartas particulares, as cartas anónimas, e a campanha de cafés. Esta última tornou-se por vezes de uma torpeza sem nome. Ela está documentada nas referências veladas que lhe fazem os jornais a «Montanha» e o «Diá-

rio da Noite»: não se pôde levar mais longe a torpeza.

Um dos autores desta campanha de café, foi o falecido orador Leonardo Coimbra, cujas atitudes para comigo foram de uma miséria moral inconcebível: tudo a êsse respeito está *documentado* e *testemunhado*, e tudo será exposto no momento oportuno. Aqui direi apenas a V. Ex.^a que se não pôde levar mais longe a miséria moral e intelectual de que o fez o referido Leonardo Coimbra.

Há mais ainda, muito mais, mas isto basta para mostrar que as observações de V. Ex.^a não teem fundamento.

E tudo isto porquê? Por uma razão simples:

O pensamento e a ciência, estão em Portugal, sob o ponto de vista filosofico, atrasados pelo menos em 50 anos. Em geral, desconhecem-se entre nós os resultados do grande movimento da logica, das matemáticas, da física, da psicologia, etc. A logica das relações, a logistica, a logica simbolica, a romantica, a logica do infinito, os resultados do cautiousismo, o criticismo de Heinseberg, etc., no que diz respeito à sua influência filosofica, são quasi ignorados entre nós. A própria teoria da Relatividade e seus resultados filosoficos são pouco conhecidos no nosso meio. Ignora-se entre nós o trabalho das Escolas de Goettingen, da Escola de Varsovia, da Escola Americana, da Escola de Cambridge, da Escola de Viena; ignora-se quasi tudo do grande movimento empiro-logico contemporaneo, no entanto o mais notável dos modernos movimentos filosoficos.

Ignora-se sobretudo que o pensamento contemporaneo está fazendo uma revolução capital, de importancia histórica fundamental. Que os antigos quadros conceituais do pensamento classico foram abandonados por incorrectos e insufficientes; que o pensamento classico, na sua própria forma tem de ser abandonado; que a logica aristotelica tem de ser substituída; que os próprios conceitos fundamentais, espaço, tempo, substancia, causalidade, força, etc., têm de ser substituídos ou reformados; que a logica do predicado tem de ser eliminada, etc.

Quer dizer, a reforma é radical; atinge o pensamento classico nas suas próprias raizes, nos seus processos fundamentais.

Ao mesmo tempo os novos processos da analise logica da linguagem, a sintaxe logica, a logica simbolica, vieram mostrar-nos que a filosofia classica,

e a própria ciência, está contaminada de vícios capitais na sua própria forma de pensar.

O que pensamos ser linguagem objectiva é apenas, em muitos casos, linguagem material, pseudo-objectiva, que tem apenas significado formal; assim, uma grande parte do pensamento classico, a que estamos habituados, gira em volta de auto-ilusões, de vícios de linguagem. Empregamos constantemente proposições pseudo-objectivas como se tivessem um valor objectivo; falamos uma linguagem material, dando-lhe o valor de uma linguagem objectiva, o que conduz a confusões inextricáveis. D em o n s t r o u - s e além disso que toda a logica e toda a matematica são tautológicas; que todas as proposições sintéticas são experimentais. Deu-se a completa desagregação de todo o a priori.

Isto e outros factos, conduziram à analise do que Rougier chamou «a doença da linguagem» na filosofia e na ciência. Esta doença da linguagem é o que chamamos precisamente *Metafísica*. E perante esta ergueu-se um novo criticismo, que nos diz que a *Metafísica* não é verdadeira nem falsa, mas destituída de sentido logico, de conteúdo; as suas proposições são apenas pseudo-proposições.

Não ha problemas metafisicos, mas pseudo-problemas apenas. Modificaram-se por completo as correlações históricas do racionalismo e empirismo; reformou-se o conceito e as bases do positivismo; eliminaram-se, por falhos de sentido, os conceitos de realismo, de materialismo, de idealismo, a coisa em si, o noumeno, o transcendente, o absoluto, etc., etc.

E a analise critica continua; à revolução corresponde uma reconstrução de todo o edificio da Ciência e da Filosofia, uma reforma integral do Pensamento. O recente Congresso de Paris mostrou a internacionalização rápida dêste grande movimento; vindo do oriente europeu, espalhou-se rapidamente na America, na Inglaterra, na Grecia, Polonia, e começa a espalhar-se em França. Apenas a Alemanha está refractaria ainda: a Alemanha e Portugal.

Este último continua ruminando o velho pensamento alemão e francês; vive ainda de Kant, de Hegel, de Schopenhauer e de Wietozsche, de Comte e de Taine, quando não apenas de Bergson e analogos. Ora tudo isto pertence ao passado, caducou já. O pensamento contemporaneo apresenta dois grandes

Dr. Casais Monteiro

de ABEL SALAZAR

movimentos: um que tenta restaurar o passado, sob várias formas, o neo-tomismo por exemplo, e a Metafísica Patética e Romântica, o auto-intelectualismo, etc.; outra, que é representada pelo grande movimento progressivo e renovador do empirismo lógico e analógico, em geral, o que se chama o Neo-Positivismo. Entre os dois, travou-se a batalha; e a batalha continua em nossos dias; somente, em Portugal, ninguém se interessa por este conflito «passionante».

A isto ha a juntar os resultados capitais das escolas psicológicas, as escolas de Kretschmer, de Pende, de Levy-Bruhl, etc.; os resultados da filosofia e psicologia comparadas, histórica, etc., e várias outras coisas, sem as quais é impossível compreender o que se passa no actual movimento intelectual.

//

Estamos, em suma, passando por uma revolução intelectual histórica e filosoficamente mais importantes do que as de Galileu, Copernico, Newton ou Kant. Ela é fundamental porque nos conduziu a novas concepções do mundo, do pensamento, da filosofia e do homem.

E no entanto muita gente quasi não dá por isso; o caso lembra o de um português que, em Paris, debaixo mesmo da Torre Eiffel, andava à procura da torre referida, sem a vêr.

Ora, há perto de 4 anos que, no meio de grandes dificuldades, me esforço por introduzir no nosso país os elementos fundamentais d'este movimento. Em conferências, artigos, e ensaios, tenho tentado dar uma ideia desta Revolução. As dificuldades são extremas; e ainda recentemente uma tentativa d'este genero está sendo feita no «Diabo». A isto tenho acrescentado o que me parece indispensável quanto ás aquisições da ciência moderna, e por essa razão vim falar da Escola de Kretschmer e outras.

Os meus esforços são sinceros; não pretendo que ninguém pense desta ou daquela forma, mas apenas que pense com sentido e clareza, e em harmonia com as aquisições filosoficas actuais, em harmonia com o momento. Porque a revolução actual não é uma revolução de sistema, mas a própria modificação da forma classica do pensar. Por isso ninguém tem o direito de ignorar o que a tal respeito tem sido adquirido, ninguém tem o direito de ignorar o esforço feito quanto à rectificação e clarificação do

pensamento classico. A seriedade, a amplidão, a imparcialidade dos trabalhos impõem-se a todos, filosofos e não filosofos, metafisicos e não metafisicos; podem-se discutir tais trabalhos, não se podem desconhecer. O sr. Heidegger pôde, em último recurso, dispensar a logica; mas argumenta servindo-se da logica. A ética intelectual manda, de resto, estudar os argumentos do adversario, antes de os combater; por isso a Metafísica actual, em má postura ante a análise logica, se defende apenas com truics, sofismas, e a gritaria do Patos metafisico alemão.

Seja como for, tal movimento tem de ser introduzido entre nós, se não quizermos petrificar mentalmente. E' nisso que há quatro anos me esforço, ora claramente, ora disfarçadamente. Nisso se esforça igualmente, embora por outros processos, o moço e já illustre matematico Rui Gomes, bem como, noutro campo, o Prof. Caração.

Isto é tanto mais natural que eu tinha iniciado em 1915 alguns trabalhos filosoficos pessoais que em parte coincidem com os pontos de vista actuais; d'esses trabalhos foi apenas publicado um «Ensaio de psicologia filosofica», o qual, apesar dos seus defeitos e da sua mediocridade, corresponde à movimentação contemporanea. Quero com isto apenas dizer que retomei, passados anos, o fio das minhas preocupações de outrora, agora animado pela direcção e resultados do movimento filosofico actual.

Tudo isto é, segundo creio, legitimo e compreensível. Tudo isto poderia ser feito em proveito geral. Não se trata de uma propaganda sectaria, a propaganda de um sistema; trata-se de uma exposição de factos, que interessam a todos os campos. Tudo isto deve interessar igualmente o filosofo, o homem de ciência, o poeta e o simples homem culto, curioso. Tudo isto deve interessar as academias, a universidade, todos os meios intelectuais.

Tanto mais que estamos num país intoxicado de filosofismo, com tendência constante para a retórica óca, para a retórica coimbrã; estamos num país que na realidade nunca soube pensar, nunca teve tendências para o esforço polarizado e tenaz da investigação filosofica, para o trabalho mental sequente e reflectido. Estamos num país de ligeireza intelectual, de sentimentalismo, de emotividade frenética, em que o brilho, a fantasia, são mais estimadas e

cultivadas do que a reflexão logica.

Estamos num momento que amplamente justificava a minha tentativa.

E no entanto a resposta foi o que se viu e a que acima me referi; a resposta são os insultos, os improperios, as calunias de que mando a V. Ex.^a sufficiente documentação. A começar pelos chamados intelectuais, ninguém se esforçou honestamente por compreender, por assimilar, por se actualizar e se pôr ao facto das coisas; ninguém seguiu a via indicada para se informar;—não, a resposta foi a injuria, a chalaça, e a sistemática deformação de tudo, no conjuncto e no detalhe.

Foi-se mais longe ainda, e chegou-se ao absurdo, ao ridiculo. Viu-se em tudo isto o propósito de combater a... poesia, a arte, a literatura; viu-se nisso não sei que maquiavélico e fantástico projecto de antiquillar a beleza, a alma e a emoção. Foi-se mais longe ainda; viu-se em tudo isso politica e só politica, sectarismo, sinistras, tenebrosas, inconfessáveis intenções. Fez-se disso um espantinho, um papão temeroso, forjado por um «perigoso inimigo da Pátria», por um «judeu» (sic!), por um homem a soldo de não sei que tenebrosas entidades.

Foi-se mais longe ainda; fez-se disso a obra de um «Malfeitor» (sic!), de um demente, de um imbecil.

Foi-se mais longe ainda; fez-se de «ciclotimico», «esquizotimico», «pícnico», «leptosomico», e outros banais termos tecnicos, sinonimos de nomes politicos combativos, de bolchevista, de fascista, e de não sei que mais. Fizeram d'esses termos armas de combate, insultos, deram-lhe como sinonimia «parvo», «estupido», «doído», «grossoiro» e outras coisas.

Foi-se até ao ridiculo, à bambochata, à farçada; tudo foi deformado, deturpado, envilecido...

Pregunto ao dr. Casais Monteiro, acha isto justo? acha isto legitimo e decente?

Eu faço ao dr. Casais Monteiro a justiça de supôr que não pensa assim. Mas se alguma dúvida tem ainda, eu ponho à sua disposição mais factos ainda e documentação, que o convencerá da verdade que afirmo e da seriedade das minhas intenções.

Nunca pretendi ser «chefe» de coisa alguma, nem orientador, nem constituir cenáculos; deste os meneurs e os chefes; pretendi apenas dizer: «há isto, queiram reparar», e mais nada.

Bastaria, para nos entendermos, que reparassem, e depois de estudar o caso, dissessem o que d'ele pensavam, com sentido e clareza. Mas não. O que succedeu foi o que acima foi dito; intelectuais houve que, sem tratar de saber o que era a Escola

(Continúa na página 6)

(Continuação da página 5)

de Kretschmer, a Escola de Vié-etc., logo começaram a gritar contra a psicologia caracterológica, contra o empirismo-lógico: e gritaram chamando-me, com todas as letras—Malfeitor—: porquê?

Afirmar: Eça é um esquizotímico», a poesia de X é «esquizoide típica», a «filosofia de Y tem uma base autística», logo levanta em certos campos furiosos clamores: porquê, santo Deus? Porque se ofendem tão espalhafatosamente certos personagens com o dizer-se-lhes: «é um picnico»? O caso é comparável, exactamente, a alguém que se irritasse por lhe dizermos: «o senhor tem olhos azuis», ou «pertence ao grupo sanguíneo I», ou até «à raça branca»!

Chegou-se a este ridículo: a reacção contra o biotipo... como se o biotipo fosse um insulto...

A megalomania humana é incurável...

Confesso, sr. dr. Casais Monteiro, que me sinto desiludido e vexado com tudo isto. Saí do meu campo de trabalho com intuitos sinceros e legítimos, e vejo-me de repente no meio da bambochata pseudo-intelectual mais grotesca que se pôde imaginar. Uivos, insultos, apupos, chalaças, versinhos, sueltos, campanhas, calúnias, miserias, torpezas, uma comedia ridicula e deprimente: nenhuma seriedade, nenhuma reflexão, a completa ausencia da mais elementar etica intelectual: uma praça de touros... intelectual.

Triste país e tristes intelectuais...

Com toda a consideração

ABEL SALAZAR

P. S.—Longe de tentar diminuir, com a divulgação da análise logica actual, a liberdade intelectual, tenho-me esforçado, pelo contrario, em defendê-la, com trabalhos tendentes a mostrar que as pseudo-proposições (proposições sem sentido logico) podem ter um sentido psicologico e um sentido pre-logico, proposições que podem ser chamadas para-logicas. E' de proposições e juizos puramente psicologicos ou para-logicos que vive a poesia, a literatura.

A. S.

LEITOR:

Adquire os teus livros
por nosso intermédio.
Isso nos auxiliará

NOTAS MUSICAIS

BEETHOVEN começou a compôr em 1802 a «Terceira Sinfonia» em mi bemol, ob. 55, a chamada «Sinfonia Heróica», dedicada ao príncipe Lobkowitz, e acabada em 1804.

Nesta sinfonia, Beethoven, teve idéa de glorificar Napoleão Bonaparte, preiteando a sua grande admiração, nessa cathedral de sons ao homem, ao unificador, ao libertador, ao herói.

Atribuiu-se a idéa do primeiro tãma ao general Bernadotte, embaixador da républica francesa em Viena.

A noticia da proclamação de Napoleão como imperador dos Francêses, foi recebida em Viena, no momento em que o manuscrito estava pronto para ser expedido ao primeiro consul, por intermédio da embaixada francêssa.

Beethoven recebeu a nova dos lábios do seu discípulo Ries, e encolerizado gritou: «Final, não passa de um homem como os outros! Vai agora pisar aos pés todos os direitos dos cidadãos e pensar apenas na sua ambição, elevar-se acima de todos e fazer-se tirano.»

E rasgou immediatamente a primeira página do manuscrito, onde estava apenas escrito: «Bonaparte»—Luigi de Beethoven.

Beethoven não permitiu senão muito mais tarde, depois de grandes instancias, a publicação da sua «Sinfonia eroica per festeggiare il sovvenire d'un grand' nomo», e só se reconciliou com o genial Córso depois da sua morte.

Numa publicação do Wiener Musikzeitung (1846), Czerny, outro discípulo de Beethoven, referindo-se a uma conversação do Mestre com Krumpholz, que tendo encontrado este último na rua, o compositor sublime lhe deu a saber que Napoleão havia obtido uma grande vitória sobre os prussianos em Iena, ao que Beethoven, enfurecido afirmou: «Ah! se eu soubesse a arte da guerra, como sei da musica...».

//

Chopin, o genial criador das «Polonaises», de passagem por Stuttgart, em 1831, teve a noticia da tomada de Varsóvia pelos Russos.

A sua grande alma de artista e patriota, vibrou de dôr e desespero, e num inflamado momento de inspiração, compôs ao piano o Estudo em dó menor, ob. 10, N.º 12, mais conhecido por «Estudo Revolucionário».

A sorte incerta de seu pai, que elle estremecia, de toda a sua familia, a sorte da sua pátria tão amada, eis a trágica interrogativa deste ciclopico estudo.

Edouard Ganche, um dos mais notáveis biógrafos de Chopin, a respeito deste estudo diz: «Sente-se um sópro de violência que o atravessa como uma tempestade, toda a raiva e todo o ódio do vencido, exalado contra o opressor. E' um apêlo às armas que eléctrica, um canto de guerra ou de revolução que faz vibrar de entusiasmo. O baixo precipita-se em grandes arpejos persistentes e desordenados, enquanto que uma melodia breve, espaçada, se eleva orgulhosa, cheia de desafio, magestosa.»

//

Grande Guerra.—1914-1918.

O compositor Camille Saint-Saëns, nas columnas do «Echo de Paris» proclamava exaltadamente a exclusão da musica alemã, em todos os espectáculos musicais.

O illustre autor do «Sansão e Dalila», esqueceu-se que um Bach, um Mozart, um Beethoven, um Wagner, não pertencem a um povo, mas sim à humanidade!

A-propósito, transcrevo aqui uma passagem duma carta do meu saudável Mestre Alexandre Rey Collaço ao seu amigo Lambertini que sintetiza o seu esplendoroso espírito e fina ironia: «...Mais do que uma esquadilha de «Zeppelins» sobre a minha cabeça aterra-me a idéa dum «chauvinismo» de que o illustre mestre M. Saint-Saëns está dando um deplorável exemplo, e, para o que também entre nós se nota uma inquietadora tendência. Vejo aproximar-se o dia em que (Jesus! crédo! só de pensar sinto arrepios!) nos vamos vêr obrigados a preferir uma «selection» sobre «Ali, à prêta!» à «Fantasia chromática» de Bach e qualquer fadinho da rua das Atafonas às «Melodias» de Schubert.»

//

E para terminar, reproduzo um telegrama da Havas, recentemente publicado, nos jornais do Pôrto: «Milão, 20—O director do Teatro «Scala», desmente a noticia, de origem estrangeira, segundo a qual Toscanini teria sido convidado a dirigir